

LABORATÓRIO DE ATUAÇÃO: SOBRE O AGIR NO MUNDO

Lucienne Guedes Fahrer¹

<https://orcid.org/0000-0003-3337-0924>

Matteo Bonfitto²

<https://orcid.org/0000-0001-5961-1082>

Melissa da Silva Ferreira³

<https://orcid.org/0000-0002-4681-2528>

Resumo

Este texto, co-escrito a seis mãos a partir de um programa performativo de escrita realizado pela equipe de coordenação do recém criado Laboratório de Atuação e Saberes da Prática do DAC/ UNICAMP, busca refletir sobre pergunta: "Qual a importância de um laboratório de atuação hoje?" Tendo como perspectiva a atuação em campo expandido, como "ação no mundo", as autoras e o autor dialogam com fontes e vozes multidisciplinares para criar-imaginar-inventar-sonhar uma noção atual de laboratório teatral.

Palavras-chave: Laboratório teatral. Atuação. Co-escrituras. Processos colaborativos. Prática como pesquisa.

ACTING LABORATORY: ON ACTING IN THE WORLD

Abstract

This text, carried out by the board of the newly created "Laboratory of Acting and Practical Knowledge" - DAC/ UNICAMP, emerged from the exploration of a creative apparatus which produced in turn a performative writing. The authors seek in this case to reflect upon acting in an expanded field, that is, perceiving acting as a territory through which "actions are performed in the world". Inspired by the question "What is the importance of an Acting Laboratory today?", the authors articulate multidisciplinary sources and voices in order to create-imagine-invent-dream of a contemporary notion of theatrical laboratory.

Keywords: Theatrical laboratory. Acting. Co-writing. Collaborative processes. Practice as research.

¹ **Lucienne Guedes Fahrer** é Doutora pela USP, dramaturga e atriz fundadora do *Teatro da Vertigem*, professora do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da UNICAMP. E-mail: lucienne@unicamp.br

² **Matteo Bonfitto** é Ator-performer, diretor, pesquisador PQ 2/CNPq e Professor Titular do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Diretor artístico do Performa Teatro - Núcleo de Pesquisa e Criação Cênica (www.performateatro.org). E-mail: matteo@unicamp.br.

³ **Melissa da Silva Ferreira** é Artista-pesquisadora, pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, processo 2017/11886-0. E-mail: melferreira78@gmail.com.



Este texto-artigo foi escrito a seis mãos por meio de um “programa de ação” ou “jogo de escrita”. Nele, nos dedicamos a pensar acerca da razão de ser e de existir de um laboratório de atuação nos dias de hoje.

Dentre as inúmeras perspectivas que emergiram com a recente criação do Laboratório de Atuação e Saberes da Prática – no Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas –, a que nos pareceu ter ressoado mais forte foi pensar a atuação em sentido expandido, como “ação no mundo”.

Além do LabAct, lançado em agosto de 2020, os outros três laboratórios⁴ do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp representam uma expansão significativa de horizontes, uma vez que se propõem a ser não somente um eixo de conexão entre as atividades e pesquisas produzidas na UNICAMP, mas também um vetor capaz de articular de maneira concreta os campos do Ensino, Pesquisa e Extensão. Como catalisadores de ações e investigações, esses laboratórios pretendem operar como pontes entre a universidade pública e a sociedade.

O Laboratório de Atuação e Saberes da Prática nasce, assim, com o objetivo de desenvolver e promover estudos teóricos e práticos sobre os processos de atuação nas artes da cena e em sentido expandido. Um lugar de projeção e experimentação de agires no mundo.

O ato de dar um passo atrás, para rever e imaginar o que pode ser o Laboratório de Atuação nos parece extremamente importante neste momento histórico de deslocamento e de transformação. O contexto atual pandêmico põe em xeque não somente as maneiras de criar e as relações entre os participantes do ato teatral, mas também a sobrevivência do próprio teatro.

⁴ Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas - LabDRAMA; Laboratório de Linguagens Materiais & Oficinas da Cena – LabMATER; Laboratório de Produção e Ação Cultural - LabPROD. Um marco importante desse processo foi o lançamento oficial do LabDRAMA em agosto de 2018. Cabe observar, nesse sentido, o papel fundamental exercido pelo Prof. Dr. Cassiano Sydow Quilici, pesquisador vinculado ao LabDRAMA, que viabilizou, enquanto Chefe de Departamento do DAC, a efetivação institucional desses laboratórios.



No primeiro evento do Laboratório de Atuação e Saberes da Prática, realizado no dia 25 de setembro de 2020, uma pergunta foi feita às pessoas convidadas⁵: ***Qual é a importância de um laboratório de atuação hoje?***

Depois de ouvir as instigantes respostas, surgiu o desejo de continuarmos com a pergunta, dessa vez por meio de uma ação coletiva e imaginativa de escritura.

A dinâmica escolhida por nós em nosso “jogo de escrita” foi dar um *zoom in* em algum detalhe do texto do outro como “gatilho” de *co-escritura*. Para tanto, formulamos e seguimos o seguinte enunciado:

Escrever um texto sobre atuação nos tempos de hoje, de maneira não-sozinha:

1. Importar-se com a ideia de um laboratório de atuação nos dias de hoje.
2. Co-escrever um texto, durante 15 dias consecutivos, de maneira não sozinha, entre 3 pessoas.
3. A primeira pessoa a escrever: escolher uma frase, palavra ou detalhe de uma das falas acontecidas no encontro de lançamento do Laboratório, em 25/09/2020.
4. Logo na manhã do dia seguinte, a partir dessa frase, palavra ou detalhe escolhido, dar vazão a uma escrita que amplie, reforce, dê relevo, re-escreva, narre, desloque, ponha em evidência, desfaça, transforme, ou ainda outra coisa.
5. Seguir o mesmo procedimento por mais 14 vezes, por 14 dias, sem interrupção, a partir do texto escrito no dia anterior, com os participantes em revezamento e alternância.
6. Após o 15º. dia, contemplar coletivamente o que foi co-escrito. A partir daí, escrever materiais e informações que ajudem outros leitores a se interessar a compartilhar da leitura do texto co-escrito.
7. Divulgar o texto.
8. O texto ser lido por outras pessoas, dar oportunidade para que os leitores procurem a si mesmos no texto.

Realizamos o programa com rigor, alegria e interesse. O texto-jogo que segue é resultado, portanto, de um ato imaginativo de escrita livre, que incorpora referências autobiográficas e dialoga com fontes multidisciplinares. Para além de fazer revisão histórica, conceitual, metodológica, ou mesmo trazer respostas definitivas sobre o que deve ser ou não um laboratório teatral, nos perguntamos como este laboratório pode ser ação artística *no mundo*.

⁵ Os convidados que responderam ao convite foram Cassiano Sydow Quilici, Eleonora Fabião, Antônio Araújo, José Fernando Peixoto de Azevedo e Tatiana Motta Lima.



1 - Energia propositiva para a geração de força estética

por Lucienne Guedes, em 07 de janeiro de 2021

Pensar num laboratório de artes da cena, num laboratório de atuação que se dê ao vivo, nesse mundo, é pensar num laboratório de ação, de agir, de práticas de agir no tempo presente, diante das pessoas, com elas. Configurar um espaço-tempo que permita inventar. Inventar formas estéticas para agir, e agir no tempo ao vivo. **E que tempos são esses?**

Nessa equação, uma questão precisa ser enfrentada: qual a energia necessária? Quanto será preciso investir, dispor, para que algo aconteça? O que precisa queimar para que a invenção se dê? Quem move quem? O que move quem? Quem move o que?

Eleonora Fabião enviou uma carta para o momento de lançamento do laboratório. Nela, escreveu: “que atuemos com extrema posição política, com o devido rigor ético e a energia propositiva necessária para a geração de força estética (abundante e abrangente)”. E eu escutei: como eu posso fazer do espaço-tempo disposto para a pesquisa em atuação um laboratório-forja em que a energia que bate seja desejo manifesto, pleno, de vida, sem “separabilidade” (SILVA, 2016) nem morte?

2 - Que tempos são esses?

por Melissa Ferreira, em 08 de janeiro de 2021

No livro *Há um mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins*, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2013) discutem a perspectiva ameríndia sobre o fim do mundo e comentam que em algumas comunidades indígenas os sonhos maus devem ser narrados publicamente ao acordar para que não se atualizem.

Nossos profetas Davi Kopenawa (2015) e Ailton Krenak (2015) vêm já há algum tempo compartilhando em voz alta os seus sonhos ruins e alertando que é preciso adiar o fim do mundo, que é preciso preservar os povos da floresta pois são eles que mantêm o céu em pé. Em 2020, porém, o céu desabou sobre as nossas cabeças. Se, por um lado, nunca nos sentimos tão globalmente unidos, testemunhamos ao longo do ano os aspectos mais



problemáticos do ser humano na sua relação consigo mesmo, como os outros e com o planeta.

Não consigo pensar em “práticas de agir no tempo presente” que não levem em consideração essas questões. No **espaço-tempo** da invenção de um laboratório de atuação, penso que é urgente pensar-praticar novas concepções de tempo. E como pode um “laboratório de atuação que se dê ao vivo, nesse mundo” lidar com a questão do tempo?

Inspirada por Peter Pal Pelbart (2020), que afirma que a flecha do tempo se espatifou contra a Covid 19 e que agora é, portanto, a ocasião oportuna para nos sentirmos livres do domínio da cronopolítica e pensarmos em rizomas temporais, diria que o que nos toca é a invenção de novos tempos dissonantes, descontínuos, diferenciados, não vetorizados, não heterogêneos, com novas cartografias, com involuções, um tempo aiônico⁶, com outras velocidades.

3 - No espaço-tempo da invenção

por Matteo Bonfitto, em 09 de janeiro de 2021

Olho para essa página e estou prestes a colocar palavras nela. De novo... perdi os rastros de quando comecei a aprender a fazer isso: colocar **palavras em uma página**... Assim, aqui e agora, paro para tentar perceber melhor o que me leva a fazer isso nesse momento e penso sobre o Laboratório de Atuação (LabACT) que criamos recentemente no DAC/ UNICAMP, e penso nas aberturas e nas armadilhas que essa motivação gera.

Refletir aqui sobre tal Laboratório abre para a necessidade de rever a própria noção de laboratório e de espaço-tempo laboratorial. Saio, assim, do que imagino saber e penso agora que não sei o que essa noção - a de laboratório - implica. Faço isso não como uma maiêutica de mim mesmo, mas como abertura para a prática de *epoché* ou suspensão de juízo.

Assim, juntamente com as referências apontadas, seria a prática da *epoché* um modo de viabilizar percepções e materializações de novos espaços-tempos?

⁶ “O tempo da criança é um tempo aiônico, é um tempo de experiência e de intensidade.” (KOHAN in DÁRIO JR & DA SILVA, 2018, p. 303).



4 - Palavras em uma página

por Lucienne Guedes, em 10 de janeiro de 2021

- Do que a gente está falando quando diz “colocar palavras em uma página”? Pra que serve um artigo, afinal? Pra que serve um artigo sobre laboratórios de atuação?
- Colocar perguntas numa página é fácil, quero ver você afirmar.
- É mesmo fácil...? Acha fácil, perguntar? Afirmar parece uma atitude só provisória.

Eu queria fazer perguntas que mudassem o mundo. Eu queria elaborar questões que impulsionassem outros e outras além de mim a não esmorecer. Eu queria fazer perguntas em forma de cena e dramaturgias. Eu queria perguntar quem aceita o encontro. Eu queria fazer perguntas em forma de dança que sacudisse os próprios sonhos. Eu queria fazer um laboratório que ensinasse a sonhar. Eu queria escrever palavras num papel que voasse até o espaço-tempo da criação e da invenção de uma estética potente, contaminadora de novos sonhos.

Brinco? Pode-se brincar quando o assunto é colocar palavras num papel? Pode-se brincar quando é preciso falar de um laboratório? Posso brincar no laboratório? Pode-se brincar quando o assunto é colocar palavras num papel. Pode-se brincar quando é preciso falar de um laboratório. Posso brincar no laboratório.

Então vamos lá, narrar o sonho, quase performativamente anunciar, agir como quem coloca palavras de sonho em “pele de papel” (KOPENAWA, 2015, p. 64), atrasada para adiar, mas de qualquer forma antes do apocalipse, antes que qualquer imaginação minha mantida em cativeiro sirva para o fim:

Eu sonhei que era o fim do mundo. E o fim se dava por umas esferas de porcelana cor de rosa, que caíam do céu e se abatiam sobre as pessoas na terra, na cidade. Era um sonho colorido, bem colorido, raro. Eram esferas cor de rosa de vários tamanhos, e elas tinham desenhos de folhagens e paisagens de muitas outras cores, como aqueles desenhos tradicionais do Japão.



De repente, uma esfera das grandes, do tamanho de um elefante, mais ou menos, ia cair em cima de mim, e me recolhi como quem não sabe que não há futuro. Fiz um gesto como um Sísifo, assim como quem acha que vai segurar e não morrer. E então: não é que a esfera para, antes de se encontrar em mim, e fica suspensa no ar, viva, movendo-se um pouco de um lado e outro, como quem respira? Como quem se mostra? Eu tirei os braços da posição em cima da cabeça e fiquei olhando para ela. E todos ficaram olhando também. E era tão tão bonito, aquilo.

E eu não acordei, ainda. Vi outras tantas esferas ficarem suspensas como aquela sobre a minha cabeça. E eu não sabia o que fazer, ninguém sabia. E eu não despertei, depois disso. Ainda deu tempo de ver-reparar que eu não tinha sapatos e tinha só um dos pés com uma meia, o outro estava totalmente descalço. E me abaixei para tirar aquela meia, conferi meus dois pés agora iguais, e então acordei.

5 - Afirmar parece uma atitude só provisória

por Melissa Ferreira, em 11 de janeiro de 2021

Tudo que eu queria hoje era me sentar no chão para ouvir a Lucienne Guedes contar em voz alta o sonho apocalíptico das esferas de porcelana. E depois de sonhar junto com ela, eu queria poder dizer que me identifiquei intimamente com cada detalhe e que este é o tipo de sonho-devaneio-visão-imaginação que tenho recorrentemente desde criança. Ou eu ficaria em silêncio sentindo as lágrimas quentes escorrerem no meu rosto.

E depois eu queria que a gente imaginasse juntas as perguntas em forma de cena que poderíamos criar a partir desse sonho. E as perguntas em forma de dramaturgia, de performance, de escrita, de brincadeira, de jogo, de poesia, de vídeo, de encontro...

E a gente procuraria mais gente que estivesse interessada em fazer perguntas para adiar o fim do mundo. Gente de todos os tipos que quisesse se perguntar: Como a Lucienne, sem sapatos e com uma meia só, foi capaz de fazer flutuar as esferas de porcelana cor de rosa? O que fazer para não ser esmagado pelas esferas “elefantosféricas” (*pode-se brincar quando o assunto é colocar palavras num papel?*)? O que mantém as esferas respirando em suspensão? Como fazer para tirar a meia que resta, fincar os dois pés desnudos na terra e acordar? E muitas outras que surgiriam.



Não, hoje não. Hoje eu não vou cair na tentação de fazer afirmações provisórias.

Me pergunto: Como fazer do laboratório de atuação um espaço-tempo em que as esferas do fim estejam magnificamente suspensas para que sejamos capazes de olhar, de contemplar, de ser e de perguntar?

6 - Esferas respirando em suspensão

por Matteo Bonfitto, em 12 de janeiro de 2021

Acho linda a ideia de “sonhar o sonho do outro”. Não tenho lembrado muito de meus sonhos ultimamente, mas percebo nesses dias um certo sonhar acordado, um sonhar permeado de energia estética, de questões da física, de espaços-tempo e de coisas que flutuam... Um sonhar acordado ativado pelos fluxos trazidos pela Lucienne e pela Melissa e pelas coisas que movem esses fluxos... pelos seus brincares.

E ao me deixar levar por tudo isso, penso sobre o laboratório de atuação. Tento perceber agora semelhanças e diferenças entre esse laboratório e os laboratórios científicos e ao tentar perceber tais diferenças penso sobre Basarab Nicolescu, que ao refletir sobre o trabalho de Peter Brook, fala sobre “pensamento tradicional” (NICOLESCU, 2001). Físico teórico que investiga a física quântica (NICOLESCU, 2003), me vem em mente o olhar que Nicolescu lança sobre a ‘tradição’. Ao mesmo tempo que reconhece nesse termo um caráter de continuidade que atravessa culturas, ele a vê como uma instância que foge do espaço euclidiano e da temporalidade cronológica. Mas o que me fisga ao refletir sobre o seu pensamento é a articulação que faz entre o pensamento tradicional e os processos de atuação, as camadas latentes e invisíveis que vêm emergir desses processos.

Nicolescu fala sobre uma transformação que me faz pensar imediatamente não somente em Artaud e em seu teatro alquímico, mas também em Kopenawa e Krenak, e nesse sentido suas formulações trazem uma concretude pungente. Ao discorrer sobre as materialidades que emergem das diferentes formas de energia, ele fala sobre transmutações de densidades da matéria em densidades vibratórias, e esse processo me faz **vislumbrar infinitas potências biopolíticas, de cura.**



Fico pensando sobre essa transmutação e sobre o quanto ela pode adiar fins e suspender esferas... o quanto ela pode permitir um manifestar-se de vida capaz de furar bolhas, dissolver percepções cristalizadas e gerar práticas de alteridade... ou simplesmente fazer exalar aromas que embaralham o tempo.

7 - Vislumbrar infinitas potências biopolíticas, de cura

por Lucienne Guedes, em 13 de janeiro de 2021

O que nós, aquelas e aqueles que tratam de oferecer diálogos, que questionam procedimentos artísticos e pedagógicos, que propõem cenas pensando em expansão e ampliação do universo existencial, com sentimentos quase sempre de não-exclusão e de não-indiferença diante da morte e da violência... o que nós estamos conseguindo fazer contra tudo o que é subjugação racial, lógica de obliteração e exclusão, desaparecimento de culturas, eliminação de outras formas de conhecimento que não sejam a herança branca e europeia que por séculos atesta nossas qualidades estéticas e humanas? O que conseguiremos fazer da proposta de um laboratório de atuação nascido no meio de 2020?

Penso que é preciso olhar no olho desse teatro europeu que tem ditado nossas ações. Penso que será inevitável ver – com todos os nossos sentidos – os corpos que ali estiverem dispostos ao trabalho. Penso que será preciso dar a revelar as pessoas como *corpos-arquivos*, *corpos-testemunhas* de sua própria ancestralidade e história. E então começar, re-começar, encontrar o gesto a cada movimento, os gestos como flechas, outras bases, outras bases metafísicas, **“perder a cabeça moderna”**, como disse Denise Ferreira da Silva (2020).

8 - Perder a cabeça moderna

por Melissa Ferreira, em 14 de janeiro de 2021

Quando leio “perder a cabeça moderna”, lembro do sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) que diz que a colonialidade do poder, o eurocentrismo, a classificação social da



população a partir da ideia de raça e o capitalismo nascem de uma ideia eurocentrada de modernidade.

Penso então em como, por tanto tempo, junto com o pensamento colonial e moderno que domina os ambientes “cultos” da sociedade brasileira, nossos modelos e as atividades que reconhecemos como teatro, vieram exclusivamente da Europa. E, também, como a ideia de um “laboratório teatral” vem de lá.

Quando tento dar um passo na direção de olhar “no olho desse teatro europeu que tem ditado nossas ações”, percebo que alguns caminhos que estamos buscando trilhar agora são de certa forma similares a caminhos percorridos anteriormente e me pergunto como podemos aprender com eles.

Como fazer um laboratório que não repita certas atitudes do passado ao lidar com a vasta diversidade de conhecimentos, saberes e fazeres do mundo (não brancos e não europeus)? Que objetivamente pare de colocar os “corpos-arquivos” e os “corpos-testemunhas” do mundo (não brancos e não europeus) no lugar do exótico, do eventualmente celebrado, mas cotidianamente invisibilizado e silenciado? Ou ainda, como pensar as diferenças sem “separabilidade”?

Penso então na ideia de um laboratório-rizoma, relacional, que se dê no mundo, que promova relações, mas não a partir de um lugar que é dado como o centro (do conhecimento, do saber, da verdade). Um laboratório que esteja em todos os lugares e em lugar nenhum, que não queira ser “toca” e que talvez também não tenha um único teto, para que não haja o “aqui” e o “lá”, para que não haja o “nós” e “os outros”. Um laboratório no mundo, relacional, mas não desterritorializado. Como diz a educadora Célia Nunes Correa Xakriabá (2018) sobre a educação territorializada do povo Xakriabá: ancorado no corpo do território ou no corpo-território, onde se encontram todos os saberes e fazeres.

9 - Diferenças sem separabilidade

por Matteo Bonfitto, em 15 de janeiro de 2021

A busca pela percepção de “diferenças sem separabilidade”, a fim de criar condições para que um “laboratório-rizoma” aconteça, um “laboratório relacional” onde não haja um



lugar visto como centro e que ao mesmo tempo não seja desterritorializado. Parto desses pontos importantes colocados pela Melissa Ferreira e tento ao mesmo tempo trazer para mim mesmo, a partir deles, uma certa concretude.

Olho então para certas experiências, como aquela vivida em 2004, quando participei do encontro “Why a Theatre Laboratory” (2004) ocorrido em Aarhus na Dinamarca, encontro promovido pelo Odin Teatret. Participaram desse encontro pesquisadores de diversos países e todos tiveram um momento de fala sobre os laboratórios criados por artistas como Decroux, Meyerhold, Brook, Stanislavski, Copeau, Grotowski, Mnouchkine e Barba. Assim, a participação desses pesquisadores tinha como foco o compartilhamento das pesquisas artísticas feitas por esses artistas.

De cara, ao refletir sobre essa experiência, várias percepções surgem, reveladoras de problemas. De fato, esse evento não foi permeado pela ideia de laboratório-rizoma, mas pela ideia de laboratórios circunscritos geograficamente e pelo caráter não-relacional de seus processos, como se os artistas escolhidos como foco fossem ilhas iluminadas.

Creio ser importante evocar essa experiência porque a clareza das coisas se faz também a partir de contrastes e exemplos que destoam do que se está buscando. Nesse sentido, se por um lado era perceptível nas falas ocorridas desse encontro as buscas daqueles laboratórios por um agir no mundo, por outro a apreensão da complexidade desse agir foi absolutamente comprometida por uma atitude idealizada e higienizada em relação aos processos ocorridos nesses laboratórios. Em outras palavras, as falas descreviam somente as grandes descobertas e realizações desses laboratórios, deixando de iluminar um aspecto que me parece fundamental para a definição de qualquer laboratório que é a necessidade de desenvolvimento de pesquisas e, portanto, do atravessamento de um percurso que parte de um não-saber e que vai em direção a construção de um possível saber, direção essa atravessada por percalços, imprevistos, impasses ou mesmo aporias. Ou seja, não fomos colocados nesse encontro no coração da processualidade dos fazeres desses laboratórios, que são os modos de viabilização e materialização das pesquisas que fizeram daqueles laboratórios, laboratórios.

A partir dessas reflexões, sou invadido por sensações ambivalentes: ao mesmo tempo estimulado pelas reflexões feitas até esse momento e mobilizado pela necessidade de utilizar tais estímulos para a criação e invenção de possíveis **procedimentos e práticas**. Emergem, assim, algumas perguntas:



- Como criar condições para que práticas sejam inventadas a partir da busca de diferenças sem separabilidade?
- Quais práticas podem ser inventadas a partir de um exercício de alteridade que não privilegie lugares e que ao mesmo tempo não seja desterritorializado?
- Quais competências estão implicadas no desenvolvimento de pesquisas sobre atuação norteadas por esses pressupostos?

Ao me colocar essas perguntas, penso se já é o momento de fazê-las ou se precisamos de mais tempo de reflexão. Uma vez feitas, penso sobre as tentativas de construção de práticas interculturais, por exemplo, como as de Barba com a Antropologia Teatral ou as de Schechner com os Rasa Boxes, e ambas me parecem ser projeções de olhares universalizantes e centralizadores. Apesar de ter sido profundamente atravessado pelas práticas desenvolvidas por Brook, tenho questões não resolvidas relacionadas ao seu olhar transcultural.

Permaneço então, assim, mobilizado por essas perguntas, que me levam a mais perguntas.

10 - Trazer concretude: procedimentos, práticas

por Lucienne Guedes, em 16 de janeiro de 2021

Então, qual pesquisa? Quais procedimentos, quais práticas?

Mais que renovar procedimentos de laboratórios que conhecemos, mesmo guardadas as diferenças históricas, geográficas e sociais que nos separam da Europa do século XX, dinâmicas nas quais muitos de nós foram “formados”, a questão que se faz agora é conseguir **abrir a escuta para enunciações que não se (re)conhecem.**

Gostaria de propor um caminho e um território. Arrisco expor o nascimento de uma proposta-projeto para o Laboratório, desenvolver uma pesquisa de atuação e, também, de criação de dramaturgia, essas duas coisas de maneira imbricada, que vá ao encontro de mais ou menos 85 mulheres, de várias camadas sociais, étnicas e identitárias, no Brasil e na América Latina. 85 mulheres, uma nascida a cada ano, desde 1935, até a mulher mais nova com quem se possa conversar. Mulheres mães e mulheres não-mães. Mães adotivas ou não, mulheres CIS e *trans*, negras, indígenas, brancas, crianças, adolescentes... Proponho que



realizemos, aqueles que fizeram parte da pesquisa, primeiramente estudos de textos que privilegiem conhecimentos múltiplos sobre as mulheres, sobre a maternidade, em direções que ampliem a capacidade de escuta das participantes, assim como a sensibilidade social e a disposição para o encontro.

O segundo passo seria uma ação efetiva: proponho a realização de conversas com cerca de 85 mulheres, perguntando a elas:

VOCÊ DEVERIA SER MÃE?

A conjugação verbal é um tanto estranha: “devia”. Ainda bem que temos essa palavra que pode ser usada na pergunta para quem foi e quem não foi mãe, e até mesmo para quem considera um “ainda não” em sua resposta. E, nesse encontro com as mulheres, a ideia é que as pesquisadoras-atuadoras se disponham ao encontro. Não precisa haver “utilidade” nessas conversas, ou seja, não será preciso, nem desejável, estar ali para “recolher material”. Não. Que os corpos estejam um diante do outro. Que os corpos se aprendam, se misturem. Que as vozes, depois da pergunta, não tenham líder, que não haja quem esteja sobre a outra. E que “estando ali” nos encontros, as mulheres pesquisadoras-atuadoras possam depois traduzir esteticamente, seja em programas de ação, seja em dança, seja em cenas, o que aconteceu nas conversas.

A ideia é que esse projeto seja capaz de gerar força estética e crítica para que o assunto seja falado, modificado, posto em movimento. E que possa permitir que corpos de mulheres atravessem outros corpos, que histórias atravessem percepções, na direção de uma ação artística potente e transformadora. Que sejam misturadas as fronteiras entre dramaturgia e atuação, entre ensaio de teatro e pesquisa, entre atriz e ser humano, expondo éticas transitivas numa obra entre o “olhe-me” e o “olhe isso” (BOURRIAUD, 2009, p. 33), que crie vínculos que se deem como responsabilidade. E que seja uma pesquisa de *atravessamento de um percurso que parte de um não-saber e que vai em direção a construção de um possível saber*, aspecto fundamental de qualquer laboratório.

Resta saber quais competências serão necessárias nas pessoas implicadas nesta pesquisa. A primeira delas, e talvez isso nos iguale aos laboratórios que já conhecemos, é a disponibilidade para viver a experiência. As outras, veremos, perceberemos, sentiremos.

Quando começa? Devo mantê-los informados, vocês? Querem acompanhar?



11 - Abrir a escuta para enunciações que não se (re)conhecem

por Melissa Ferreira, em 17 de janeiro de 2021

Sempre achei que parir o meu filho tinha sido um ato meio heroico, até que um dia, há alguns anos, uma outra mulher me perguntou: *Não foi egoísta da sua parte colocar um ser humano no mundo só porque você queria ser mãe?* Essa pergunta me tirou o chão. Lembro exatamente do impacto da pergunta no meu corpo.

A proposta de ação da Lucienne me faz pensar em algo que considero fundamental numa empreitada de tocar um laboratório de atuação nos dias de hoje. Quando digo hoje, quero dizer o momento em que estamos vivendo: com pandemia, com um governo autoritário, com um país polarizado, sem vacina, sem ar para respirar. O que eu considero fundamental, e que parece uma coisa tão simples, é abrir espaço para o diálogo, ou “abrir a escuta para enunciações que não se (re)conhecem”.

Lembro das ideias provocadoras de Chantal Mouffe (2013) que propõe um modelo agonístico de democracia, por meio da abertura de espaços para o conflito, a paixão e o político. Nos dias de hoje vemos crescer no mundo, especialmente no Brasil, o que a autora chama de “antagonismo destrutivo”, ou seja, a radicalização da divisão entre nós e eles, a identificação do “outro” como inimigo, o não reconhecimento da pluralidade e a não lealdade aos princípios democráticos.

Penso que os avanços contra a escola e a universidade pública, contra professores, artistas, obras e instituições de arte do governo atual tem claramente o objetivo de aniquilar os espaços da participação democrática, espaços onde a crítica e a prática do **agonismo** ainda parecem possíveis.

85 mulheres. Uma representante de cada ano de nascimento de 1935 em diante. Mesmo que não se dissesse nada, mesmo que não se fizesse nada. Apenas 85 mulheres juntas. No MESMO espaço ao MESMO tempo. Penso na potência estética deste encontro. Pergunto: Posso ser a mulher de 1978?



12 - Mãe / Agonismo

por Matteo Bonfitto, em 18 de janeiro de 2021

Diante da profundidade da proposta de prática feita e das questões relacionadas com a maternidade, permaneço em silêncio, um silêncio estimulante, que abre espaços. Ao mesmo tempo, não consigo não pensar em minha mãe, hoje uma senhora de oitenta e três anos que faz da própria fragilidade uma lente.

Tantas as imagens e memórias que me atravessam. Minha mãe literalmente me salvou mais de uma vez. Em uma delas, minha mãe me resgatou em meio a uma briga de rua em que fui alvo de uma gangue local. Quando achei que aquele pudesse ser o epílogo de minha então breve existência - tinha 12 anos - algo absolutamente inesperado aconteceu. Os golpes que recebia foram diminuindo de intensidade e chegaram mesmo a parar, o que me permitiu levantar a cabeça até então protegida por meus braços e mãos. Quando então abro os olhos, vejo uma clareira que começa a se abrir na arena formada em minha volta. Firmo a minha atenção, mas resisto a crer em meus olhos: minha mãe está com um dos pés descalços porque a sandália ' havaianas ' de seu pé direito, que agora está em sua mão direita, se transformara em uma arma poderosa. Não havia meio-termo. Os mal-encarados estavam tomando chineladas em seus rostos. Foi, talvez, a primeira vez em que senti o tempo literalmente se suspender. O grupo não esboçava qualquer reação. Vi ali como a intensidade de uma ação executada antes do pensamento pode fazer da presença algo gigantesco, beirando mesmo o mítico.

O agonismo de minha mãe não é o agonismo de Chantal Mouffe. Nessa última, como colocado, o agonismo está associado a uma valorização profunda das pluralidades e diferenças. Já o agonismo de minha mãe é feito de amor incondicional. Tenho a dimensão do que pode ser o amor incondicional em função da relação com a minha mãe.

Não pretendo absolutamente proferir qualquer verdade universalizante sobre o amor. Mas penso que talvez certos tipos de amor tenham essa componente incondicional e a valorização profunda de pluralidades e diferenças seja também a manifestação de um tipo de **amor**. Penso sobre o amor não como conceito, mas em sua **manifestação psicofísica**... A necessidade de olhar... de novo e de novo e de novo e de novo...

Penso sobre essa necessidade e ao pensar sobre ela penso sobre as práticas que gostaria de propor nesse laboratório de atuação, que podem talvez agregar direta ou indiretamente



com a proposta já feita. Penso em práticas amorosas, que olhem de novo e de novo para os deslizamentos dos processos perceptivos, para as transmutações energéticas, movidas por vozes e corpos, por grãos de vozes e corporeidades que viabilizem práticas concretas de alteridade.

13 - Amor, manifestação psicofísica

por Lucienne Guedes, em 19 de janeiro de 2021

Entre 2010 e 2013, o Teatro de Narradores, grupo de teatro do Município de São Paulo, desenvolveu um processo de pesquisa e criação, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro, que se propunha a agir em meio à vizinhança de sua sede, na Rua Treze de Maio, no Bairro do Bixiga⁷. Essa vizinhança é formada majoritariamente de famílias que vieram de outros Estados do Brasil, já há alguns anos, e se estabeleceram ali, e não raro vivem em cortiços que não podem ser percebidos em sua totalidade na fachada das construções. Cada um dos pequenos sobrados e garagens esconde atrás de si corredores imensos cheios de pequenas casas-cômodos que avançam terreno adentro do quarteirão.

A história dos motivos dessas famílias para que viessem parar em São Paulo, inteiras ou aos pedaços, nós já conhecemos. A sobrevivência e a possibilidade de ter um trabalho na capital impulsionou gente de lugares onde tudo falta para outros em que ao menos parece possível se mover. A ideia do projeto era, além de realizar uma série de programas de ação, configurar dramaturgicamente, a partir da pesquisa de campo, a trajetória de uma família em duas diferentes gerações, suas expectativas em relação ao trabalho e suas realizações. Ali, *precariedade* era a palavra que se tornava paisagem e relação.

Esse processo de criação em nada se assemelhou àqueles que eu havia vivido antes. Os procedimentos precisavam ser revistos a cada dia. Os depoimentos e histórias das pessoas que viviam ali eram o centro de tudo. Entrar na casa delas, conseguir ser convidado para um café, negociar uma conversa era algo desejado e precioso para os integrantes do grupo. Mas algo faltava naquela pesquisa de campo, algum procedimento parecia precisar ser modificado

⁷ Esse projeto resultou no espetáculo Cidade Fim – Cidade Coro - Cidade Reverso, com dramaturgia e direção de José Fernando Azevedo e Lucienne Guedes.



para que algo acontecesse, para que a conversa pudesse ser mais do que superfície entre estranhos. O que fazer? Como encontrar aquilo que ainda não se sabe?

Um dia, saímos, mas não como de costume. Fomos com uma pergunta elaborada de maneira diferente. Havia um aspecto afetivo nela: “Como seus pais se conheceram?” A pergunta funcionou muito mais do que as anteriores. Era possível ver que os abordados por nós, ao responderem, buscavam de fato reminiscências, detalhes, lembranças escondidas, como se nunca tivessem escutado esta pergunta antes, como se ao evocar essa resposta todo um mundo viesse à tona, e não só as motivações sobre trabalho. Apareceram memórias de lugares deixados para trás, os detalhes do caminho percorrido de tão longe até a capital, as relações de afeto, as festas, os aspectos culturais, as perspectivas de vida, os sonhos de crianças, as vontades de voltar... um enorme panorama, complexo, variado, rico, inesperado.

A dramaturgia do espetáculo perguntava: “A política ou uma história de amor?”. As duas coisas, respondo hoje, depois de passados sete anos. Uma pela via da outra. Uma com a outra. Tudo junto, sem separar. Amor e política.

Ao propor procedimentos e práticas para um laboratório de atuação, podemos agir tendo o *amor como manifestação psicofísica*, também. A pesquisa em atuação precisa considerar que não nos resumimos a um intelecto estético. Como assinala Denise Ferreira da Silva, “fazer sentido não é apenas um exercício intelectual; envolve muitas maneiras – físicas e mentais, afetivas e intelectuais, individuais e coletivas – pelas quais a expressão tem lugar, em que o sentido é dado.” (DESIDERI; SILVA, 2016, p. 69).

Quanto mais os procedimentos e as práticas permitirem que os sentidos estejam em movimento, quanto mais pudermos deixar as ações da arte e da pesquisa complexas, diversas e múltiplas, quanto mais pensar e sentir não se separarem nas traduções estéticas do mundo... maior será a possibilidade de existir uma arte-atuação que seja interstício social, espaço de **políticas-histórias-de-amor que curem a gente**. Digo da cura como "processo de reinterpretção da existência (...) um processo de criação na linguagem e como linguagem, um processo de expressão. É a criação de sentido, quando orientada para questões éticas e coletivas, que tem o potencial para recriar o mundo de uma nova maneira.” (DESIDERI; SILVA, 2016, p. 69).



14 - Políticas-histórias-de-amor que curem a gente

por Melissa Ferreira, em 20' de janeiro de 2021

Tenho há algum tempo me dedicado a pensar sobre as especificidades da pesquisa nas artes cênicas. Isso significa pensar sobre os métodos, as metodologias, as epistemologias, as formas de produzir e compartilhar o conhecimento em pesquisas na nossa área.

A noção de prática como pesquisa inverte a lógica que rege os processos de construção de saberes em outras áreas do conhecimento em que primeiro se aprende para depois fazer. Nas artes, e mais especificamente no teatro no qual há uma tradição de transmissão direta por conta da sua efemeridade e caráter presencial, ou seja, uma tradição de fazer juntos para aprender, a construção de conhecimento se dá por meio do “**fazer para saber**” (GUARINO, 2005).

Faço esta reflexão para pensar sobre o espaço laboratorial que criou com a realização deste artigo-jogo-programa. Esta experimentação abriu um espaço-tempo coletivo para que pudéssemos, sempre fígados pelas palavras e ideias uns dos outros, nos colocar num espaço de “não-saber, e, então, de tentar imaginar, sonhar, inventar, o que é um laboratório de atuação nos dias de hoje.

Para que se pense-pratique-invente tudo que imaginamos no processo de escritura deste texto (o adiamento do fim, a cura, o sonho compartilhado, o tempo aiônico, os encontros, o agir no mundo, o agonismo, a inseparabilidade, as manifestações psicofísicas do amor), penso que é preciso que (re)inventemos métodos, metodologias, epistemologias, procedimentos, bem como, formas de fazer, de criar, de existir, de se relacionar e de ser.

15 -Fazer para Saber

por Matteo Bonfitto, em 21 de janeiro de 2021

Vejo a prática como pesquisa como um olhar particularmente valioso quando penso sobre o Laboratório de Atuação e sobre as processualidades do viver, e tenho buscado perceber mais e mais - em sintonia com colocações já feitas aqui nessa escritura a três - as



implicações desse olhar. Os desafios se apresentam exatamente nesse ponto, creio, ao buscar perceber essas implicações, sobretudo porque tal percepção não se sustenta somente pelo entendimento e pelo intelecto, mas envolve uma articulação dinâmica entre todas as dimensões do humano.

Penso sobre a noção de “prática” quando falamos sobre prática como pesquisa. De que práticas estamos falando? Ao refletir sobre essa pergunta, percebo que várias pistas foram dadas ao longo dos textos propostos aqui: práticas psicofísicas, práticas de ampliação perceptiva, práticas amorosas que viabilizem exercícios de alteridade através da exploração de agonismos e inseparabilidade, práticas que descristalizem hábitos, práticas não simplesmente emprestadas de outras áreas mas que emergjam das processualidades relacionais exploradas em cada busca criativa, práticas que produzam não somente significados e sentidos mas também múltiplas presenças que criam fissuras no já conhecido, práticas nutridas pelas diferenças entre as culturas, práticas não simplesmente aplicativas, mas que abram espaço para invenção e façam da vulnerabilidade e do não-saber verdadeiras potências criadoras.

Ao mesmo tempo, penso sobre a importância da não hierarquização de práticas. Há práticas em circulação, há práticas inventadas e há invenções que emergem de destilações, desconstruções, rearticulações e ressignificações de práticas em circulação. Penso sobre a potência psicofísica das práticas e ao pensar sobre isso imagino *crossroads*, ou encruzilhadas. Uma mesma prática pode ser conduzida de modos muito diferentes e produzir efeitos muito diversos, uma mesma prática pode envolver muitas camadas e nuances.

Assim, quando ao propor uma prática em um workshop ou processo criativo, ouço de alguém: “essa prática eu conheço” reconheço nesses momentos um problema não banal. Porque penso que a crença no conhecimento de práticas me parece ilusória, uma vez que elas não parecem ser algo em si, mas sempre dispositivos relacionais reveladores potencialmente de algo sempre específico. Penso sobre a arte da condução e desenvolvimento coletivo de práticas, penso sobre as vibrações vocais e as corporeidades produzidas nessa arte, arte essa capaz de instaurar atmosferas, revelar pontes invisíveis e criar mundos inesperados.

Penso sobre as práticas aqui como escavações arqueológicas, em que em determinados momentos é necessário o uso de picaretas pesadas e em outros o de pincéis minúsculos.



Penso também sobre biópsias, e sobretudo sobre o bisturi que as fazem acontecer e que criam aberturas para o desconhecido.

Penso sobre o instante em que o bisturi toca a pele, que antecede imediatamente o fazer-se do corte.

Referências

- BASARAB, Nicolescu. Peter Brook and Traditional Thought. In: **Gurdjieff International Review**, v. VI (2), Spring, 2001. Disponível em: <<https://www.gurdjieff.org/nicolescu3.htm>> Acesso em: 26 jan. 2021.
- BASARAB, Nicolescu. Gurdjieff's Philosophy of Nature. 2003. In: **Gurdjieff – A Reading Guide** (website). Disponível em: <http://www.gurdjieff-bibliography.com/Current/18_nicolescu_g-philos-nat_2004-07-03.pdf> Acesso em: 26 jan. 2021.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CORREA, Célia Nunes. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada**. 2018. 218 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília, 2018.
- DANOWSKI, Déborah, VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há um mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.
- DÁRIO JR, Ivan Rubens; DA SILVA, Luciana Ferreira. A escola como experiência: entrevista com Walter Omar Kohan. In: **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 298-304, jan./abr. 2018.
- DESIDERI, Valentina; SILVA, Denise Ferreira. Leituras (Po)éticas. In: **Cadernos de Subjetividade** (Pós-Graduação de Psicologia Clínica PUC-SP), n. 19, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernos subjetividade/article/view/38145/25879>> Acesso em: 22 jan. 2021.
- GUARINO, Raimondo. **Il teatro nella storia**. Roma-Bari: Editori Laterza, 2005.
- KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



- KOPENAWA, Albert; BRUCE, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MOUFFE, Chantal. **Agonistics. Thinkink the World Politically**. New York: Verso, 2013.
- PELBART, Peter Pal. Tempos de Deleuze. In: **Agenciamentos Contemporâneos - VII Encontro GT Deleuze e Guattari**. Laboratório de Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento, UNIMONTES-MG, 2020.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América. In: LANDER, Edgardo. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial, 2005.
- SILVA, Denise Ferreira. **Perspectivas anos 20. Conversa com Denise Ferreira da Silva**. Escola de Comunicação e Artes (ECA), USP. 02 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FJ7wf4Gc_y4> Acesso em: 21 jan. 2021.
- SILVA, Denise Ferreira. Sobre diferença sem separabilidade. In: **Catálogo da 32ª. Bienal de Arte de São Paulo**, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/amilcarpacker/docs/denise_ferreira_da_silva_?fbclid=IwAR1AJG8KxH-69xQOKtfOnRrv3bJfzomlP0-NuwvlJZTUukjDaGZLZ-3vEN8> Acesso em: 22 jan. 2021.
- WHY A THEATER LABORATORY? In: Peripeti: Tidsskrift for Dramaturgiske Studier, n.2, 2004. Disponível em: <http://www.peripeti.dk/pdf/peripeti_2_2004.pdf> Acesso em: 26 jan. 2021.

*Recebido em 04 de junho 2021
Aceito em 20 de setembro de 2021*

